

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Correio do Povo

Class.: 36

Data: 25.11.79

Pg.: _____

Conflitos internos e com FUNAI preocupam a reserva de Ibirama

IBIRAMA, 24 (Da Sucursal em Florianópolis) — As desavenças existentes na reserva indígena Duque de Caxias, em Ibirama (a 220 quilômetros da Capital), ocasionadas pela negativa dos índios de aceitar a tutela da Funai, e agora acentuadas com a construção da Barragem Norte para contenção das cheias, na área da reserva, foram os problemas determinantes da criação de uma comissão especial de parlamentares da Assembléia Legislativa de Santa Catarina, que se propôs a estudar o assunto.

A referida comissão, liderada pelo deputado Alvaro Correia, ainda não chegou a qualquer conclusão, principalmente por insuficiência de dados. Ao visitar a reserva indígena recentemente, os parlamentares não foram recebidos pelos índios que, divididos em duas facções, não aceitaram a intromissão do legislativo em seus assuntos.

A posição indígena, segundo fontes ligadas à reserva Duque de Caxias, deve-se ao fato da localização em suas terras, da maior floresta de Santa Catarina, cuja importância econômica os índios não desconhecem, já que foram beneficiados em outras oportunidades.

Já a Funai, investida na condição de tutora do índio, pretende comercializar essas reservas em nome deles, com o que não concordam algumas lideranças internas, que defendem a emancipação indígena e o conseqüente rateio da área que lhes é destinada.

PROBLEMA ANTIGO

O posto indígena de Ibirama esteve muito tempo chefiado por Edson Telles de Oliveira, que, mesmo involuntariamente provocou o conflito maior entre os índios, quando mandou um grupo colher o milho da roça de um casal mestiço. Daí as desavenças foram aumentando. Hoje as 117 famílias que habitam a reserva, entre eles índios Guarani, Kaingang, Botocudos e Xakleng, estão divididas em dois grupos.

Um grupo de 61 famílias, liderados por Lino Nunçifóonro, é pacífico. "Nós não temos força nenhuma junto à FUNAI. Separados vai ser mais difícil", — explica o genro de Lino, João Adão de Almeida. Ele acha que se os índios fossem unidos poderiam explorar a madeira, sem desmatar toda a reserva, e melhorar suas vidas.

Este grupo é abertamente contrário à FUNAI. Eles gostariam de poder viver na reserva, mas para isso precisariam de alguma ajuda, que não existe. As três escolas estão fechadas por falta de professores; a farmácia não tem remédios. "Eles acham que índio só tem sarna e dor de barriga" comenta Judite Nunçifóonro. Mas se isso acontece é porque eles não têm as mínimas condições de higiene nem uma alimentação sadia.

O outro grupo, menos pacífico, não possui opinião sobre o que seja melhor para eles, deixando toda a decisão para a FUNAI. Esses mantêm uma agressividade mais acentuada, tendo inclusive há alguns dias atrás invadido a igreja durante um culto e depredado o interior do prédio. A diferença fundamental entre os dois grupos é que nesse, alguns índios são funcionários da FUNAI.

EMPREGOS

Gervásio Fio Moncini, Favel Priprá Moreó, Antônio Paté, Voá Paté e Aristides Ciri são índios que, para sobreviver sem trabalhar fora da reserva, executam tarefas de carpinteiro, trabalhador braçal e polícia indígena a mando da FUNAI e, por isso, recebem um salário qualquer. E é justamente esse salário que faz com que eles defendam a FUNAI, ostensivamente.

Essa situação de funcionários assalariados, por pior que possa parecer ao trabalhador comum, dá aos índios uma posição de mando e faz com que eles se sintam superiores aos não-assalariados, servindo as-

sim para destruir a união que poderia haver entre os últimos 600 homens de uma raça que já povoeou este Estado

BARRAGEM

O rio Hercílio banha grande parte do Alto Vale do Itajaí e suas cheias ameaçam Blumenau, Gaviúna, Gaspar e Itajaí. Para evitar a possibilidade de uma enchente, principalmente em Blumenau, o DNOS está construindo uma barragem a 30 quilômetros da nascente que poderá reter até 3 metros de água no leito do rio. Esta barragem foi iniciada sem nenhum planejamento ecológico ou social, segundo denúncias.

Pressionado por uma comissão Parlamentar Externa na Assembléia Legislativa, que examina o problema da barragem, o diretor do DNOS, Aurélio Carlos Remor, junto com uma comissão integrada por deputados emedebistas, pelo antropólogo Sílvio Coelho dos Santos e pelo presidente da ANAI, Milton Beck, deslocou-se até a reserva para manter um contato com os índios. Ele está preocupado com a transferência desse grupo que terá suas casas inundadas. O DNOS responsabilizou-se pela construção das novas moradias, mas o local ainda não foi decidido.

Nem os esforços de uma parte de índios, nem o interesse mostrado pelo diretor do DNOS, nem uma comissão parlamentar na Assembléia conseguiram chegar a uma conclusão acertada com relação ao destino desses índios.

E, como afirma o antropólogo Sílvio Coelho: "o país é responsável pelo sustento de uma sociedade indígena que nele habitava antes da colonização. Ele não está cuidando dos seus interesses".

— A decisão oficial ou oficiosa de acabar com o grupo, provocando a ruptura de sua cultura e levando-os a dispersarem-se e destruírem-se é uma prática escabrosa de etnocídio, afirma.